

Isso é um absurdo, Eugène!

4 peças curtas

de

Ricardo Hofstetter

Inspiradas no Teatro do Absurdo

Versão 2.4

© Todos os direitos reservados.

Este material é confidencial e sigiloso e a sua divulgação constitui infração.

Peças reunidas neste espetáculo:

- 1) O Inacreditável Caso dos Discos Voadores Estelares
- 2) Protesto
- 3) Tinha uma Árvore no Meio do Caminho
- 4) O Trem das Sete

* Texto desenvolvido no 7º Laboratório de Dramaturgia do Teatro Meridional da Universidade de Lisboa. Rio de Janeiro / Lisboa - 2021 / 2022.

QUANDO A CORTINA ABRE, o MESTRE DE CERIMÔNIAS entra e caminha solenemente até o centro do palco, trazendo nas mãos o Bastão de Molière.

MESTRE DE CERIMÔNIAS
(Mostra o bastão à plateia reverentemente)

Senhoras e senhores... o Bastão de Molière.

Cerimoniosamente, o MESTRE DE CERIMÔNIAS dá as três batidas com o Bastão no chão, mas não se ouve som algum. Ele se curva para a plateia e sai. Depois de sua saída, ouvimos as três retardadas batidas do Bastão de Molière. A cortina fecha e entra um black-out.

O Inacreditável Caso dos Discos Voadores Estelares

Personagens

HAROLD

PINTER

QUANDO A CORTINA ABRE, vemos no palco uma cozinha inglesa. Mesa e cadeiras inglesas ao centro. Lá fora, corre uma noite fria do inverno inglês. HAROLD e PINTER, dois ingleses, estão sentados tomando, cada um, um prato de sopa inglesa. Suas falas têm ritmo lento e são entremeadas por pausas. Eles vestem trajes de banho antigos e ingleses.

Você viu?

HAROLD

Não.

PINTER

Não viu?!

HAROLD
(Estranha)

Não, não vi.

PINTER

Mas como é possível você não ter visto?!

HAROLD

Não sei. Acho que...

PINTER
(Pensa, pausa)

(Dá de ombros)

simplesmente eu não vi.

HAROLD
(Irritado)

E se você não viu... também não acredita...

PINTER
(Pensa e conclui)

Não. Eu não vi... não acredito.

HAROLD

Mas tem gente que acredita mesmo sem ver.

PINTER

Bom pra eles.

HAROLD

Esse é o seu problema!

PINTER

(Pausa, pensa)

Qual é o meu problema?

HAROLD

Você não tem fé!

PINTER

Não... eu não tenho fé...

(Pausa)

mas não acho que isso seja um problema.

HAROLD

Evidente que é um problema!

PINTER

Não acho.

HAROLD

Você me irrita, sabia?

HAROLD larga a colher, que cai sobre o prato, fazendo barulho. Ele se levanta e fica andando em círculos pela cozinha, irritado. PINTER continua tomando sua sopa tranquilamente.

PINTER

Você vai ficar andando pela cozinha?

HAROLD

(Irritado)

Vou, por quê?!

PINTER

A sopa... vai esfriar.

HAROLD pensa um segundo, senta e volta a tomar sua sopa.

HAROLD

Você, pelo menos, sabe que dia é hoje?

PINTER

Se você fosse a minha mulher, eu responderia que hoje é o aniversário do nosso casamento. Ou do dia em que a gente se conheceu. Ou começou a namorar. E lhe daria um beijo.

HAROLD

Eu não sou sua mulher!

PINTER

(Examina HAROLD)

Não. Você não é minha mulher.

HAROLD

A sua mulher morreu há mais de dez anos.

PINTER

(Nostálgico)

Dez anos... às vezes eu sinto saudades... como era mesmo o nome dela?

HAROLD

Eu nunca soube o nome da sua mulher.

PINTER

Era uma mulher incrível. Você ia gostar dela.

HAROLD

Você teve sorte.

PINTER

Por quê?

HAROLD

Por ter se casado. Eu não tive essa sorte.

PINTER

Você devia ter se casado também. Aquela sua namorada... como era mesmo o nome dela?

HAROLD

Não lembro.

PINTER

Você devia ter se casado com ela. Era uma mulher incrível.

HAROLD

Não. Não era uma mulher incrível. Era uma idiota. Ainda bem que não me casei com ela.

PINTER

Eu ainda acho que você devia ter se casado com ela.

HAROLD

Eu não acho.

Eles voltam a tomar a sopa em
silêncio durante um tempo.

PINTER

Você pensa nela?

HAROLD

Na minha ex-namorada idiota?

PINTER

Não... nela...

HAROLD

A cada dia penso mais...

Eles voltam a tomar a sopa em
silêncio durante um tempo.

HAROLD

Mas então, você sabe ou não sabe que dia é hoje?

PINTER

Claro que sei. É um dia de inverno. Está muito frio lá fora.

(Feliz)

Por isso nós estamos aqui, vestindo nossos trajes de banho e tomando esse prato de sopa bem quente.

HAROLD

É, está muito frio lá fora.

PINTER

É um dia de inverno. Nos dias de inverno, sempre faz muito frio.

HAROLD

Nem sempre. Há dias quentes no inverno. Assim como há dias frios no verão.

PINTER

(Considera)

É... você tem razão.

HAROLD

Ah! Até que enfim!

PINTER

Até que enfim o quê?

HAROLD

Você me deu razão!

PINTER

Hum... e por que o espanto?!

HAROLD

Você nunca me dá razão!

PINTER

Isso não é verdade.

HAROLD

Olha aí! Mais uma vez não está me dando razão!

PINTER

Mas eu te dou razão! Quando você tem razão.

HAROLD

O problema é que, para você, eu nunca tenho razão!

PINTER

Isso não é verdade. Você tem razão algumas vezes. Por exemplo: no caso dos dias frios do verão e dos dias quentes do inverno. Você tem toda razão.

HAROLD

Mas é exatamente isso que eu estava falando! Você nunca me dá razão! Por isso o meu espanto!

PINTER

Mas eu acabei de te dar razão, não lembra?! No caso dos dias frios do verão e dos dias quentes do inverno!

HAROLD

Você me irrita, sabia?

HAROLD larga a colher, que cai sobre o prato, fazendo barulho. Ele se levanta e fica andando em círculos pela cozinha, irritado. PINTER continua tomando sua sopa tranquilamente.

PINTER

Você vai ficar andando pela cozinha?

HAROLD

(Irritado)

Vou, por quê?!

PINTER

A sopa... vai esfriar.

HAROLD pensa um segundo, senta e volta a tomar sua sopa.

HAROLD

Então estamos nós aqui... dois ingleses, nessa cozinha inglesa, num dia frio do inverno inglês, vestidos com nossos trajes de banho ingleses, tomando uma sopa inglesa bem quente.

PINTER

Exatamente.

HAROLD

E você não viu?

PINTER

Não, não vi.

HAROLD

Como é possível você não ter visto?!

PINTER

(Pensa, pausa)

Não sei. Acho que...

(Dá de ombros)

simplesmente eu não vi.

HAROLD

Mas todo mundo viu!

PINTER

Eu não vi.

HAROLD

E também não acredita.

PINTER

Não, não acredito.

HAROLD

Esse é o seu problema!

PINTER

Qual é o meu problema?

HAROLD

Você não tem fé.

PINTER

Não, eu não tenho fé. Mas continuo achando que isso não é um problema.

HAROLD

Evidente que é um problema! Pessoas sem fé são um problema para a humanidade.

PINTER

A humanidade tem muitos problemas.

HAROLD

Muitos! E a falta de fé é um deles!

PINTER

Será?

HAROLD

Evidente!

Eles voltam a tomar a sopa em
silêncio.

PINTER

(Grave)

Harold... quando você olha para cima... vê o quê?

HAROLD olha para cima.

HAROLD

O teto.

PINTER

Não! Eu quero dizer... quando você olha para cima... o que
vê?

HAROLD olha para cima.

HAROLD

O teto.

PINTER

Não! O teto te impede de ver!

HAROLD

Ver o quê?

PINTER

Aí é que está a questão: o que você vê quando olha para cima?

HAROLD olha para cima.

HAROLD

O teto.

PINTER olha para cima também. Os
dois ficam olhando para cima um
tempo.

PINTER

(Ainda olhando para cima)

Quando eu olho para cima... vejo coisas lindas... e
terríveis... é maravilhoso, Harold... e assustador...

HAROLD

(Tom de reprimenda)

Essas coisas você vê...

PINTER

É... essas coisas... eu vejo...

Eles voltam a tomar a sopa em
silêncio. Tempinho nisso.

PINTER

A sopa está acabando.

HAROLD

Está.

PINTER

É uma pena. É uma sopa tão boa.

HAROLD

A sopa está muito boa mesmo. Mas nós podemos tomar outro
prato. Há mais sopa na panela.

PINTER

Não, eu já estou satisfeito.

HAROLD

Se está satisfeito, por que reclamou que a sopa está
acabando?!

PINTER

Eu não reclamei.

HAROLD

Claro que reclamou! Eu ouvi muito bem você dizer com essa sua
voz mole:

(Arremeda PINTER)

a sopa está acabando. Você disse ou não disse essa frase com
a sua voz mole?

(Arremeda PINTER)

A sopa está acabando...

PINTER

Disse. Mas não era uma reclamação. Era apenas uma
constatação. Eu só comentei que a sopa estava acabando. E eu
não tenho voz mole.

HAROLD
Tem, sim!

PINTER
(Pensa)
Não, não tenho.

HAROLD
(Irritado)
Já vai começar, é?!

PINTER
Começar o quê?

HAROLD
A não me dar razão!

PINTER
Que bobagem.

HAROLD
Você sempre faz isso!

PINTER
Isso o quê?

HAROLD
Não me dar razão.

PINTER
Bobagem. No caso dos dias frios do verão e dos dias quentes do inverno eu te dei razão.

HAROLD
Mas você não viu.

PINTER
Não, não vi.

HAROLD
E também não acredita.

PINTER
Não, não acredito.

HAROLD

Isso é um absurdo!

HAROLD larga a colher, que cai sobre o prato, fazendo barulho. Ele se levanta e fica andando em círculos pela cozinha, irritado. PINTER continua tomando sua sopa tranquilamente.

PINTER

Eu gosto de você, Harold.

HAROLD

Hã?!

PINTER

Eu disse que gosto de você. Gosto quando você vem tomar sopa comigo na minha cozinha. Especialmente nesses dias frios de inverno. Não fosse você, eu estaria tomando essa sopa sozinho. Não seria a mesma coisa.

HAROLD

Eu sei... você odeia tomar sopa sozinho... especialmente nos dias frios do inverno. Por isso eu vim.

PINTER se levanta e vai caminhando lentamente na direção de HAROLD, que fica apreensivo com o que o amigo pretende fazer. PINTER chega em HAROLD e os dois ficam frente a frente.

PINTER

Você é um bom amigo, Harold.

PINTER dá abraço em HAROLD, que, no início, fica desconfortável com a situação, mas, aos poucos, se entrega e também abraça PINTER. É um abraço forte e carinhoso.

PINTER

Você é um bom amigo... um bom amigo... um bom amigo...

Eles saem do abraço, voltam à mesa lentamente, sentam e recomeçam a tomar a sopa. Tempinho nisso. A luz vai caindo.

HAROLD

Você viu?

PINTER

Não.

HAROLD

(Estranha)

Não viu?!

Black-out.

Cortina.

Protesto

Personagens

MULHER
HOMEM
POLICIAL

QUANDO A CORTINA ABRE, vemos, no palco, uma praça com bancos e jardins.

A MULHER está andando de um lado para o outro ostentando um cartaz de protesto. A plateia não vê o que está escrito no cartaz porque a MULHER o mostra apenas para o fundo e laterais do palco. De tempos em tempos, ela também ergue o punho cerrado para o alto. Gastamos um tempo no monótono ir e vir da MULHER, até que o HOMEM cruza o palco da esquerda para a direita, por trás da MULHER, olhando com curiosidade sua ação. O HOMEM balança a cabeça negativamente e segue seu caminho, sumindo pela direita. A MULHER continua seu vai-e-vem por um tempo, até que o HOMEM faz a mesma ação, agora da direita para a esquerda. Ficamos mais um tempo apenas com a MULHER e seu vai-e-vem, até que o HOMEM surge novamente à esquerda, vai cruzando o palco e se aproxima da MULHER.

HOMEM

O que você tá fazendo?!

MULHER

Protestando!

HOMEM

Contra o quê?!

MULHER

(Levemente irritada)

Não sabe contra o que eu tô protestando?!

HOMEM

Não.

A MULHER indica o cartaz. O HOMEM dá a volta para ler o que está escrito nele. Enquanto ele lê, ela para seu vai-e-vem e aguarda, levemente irritada. O HOMEM termina sua leitura.

HOMEM

E você...

(Aponta para o cartaz)

concorda com isso?

A MULHER retoma seu vai-e-vem, volta e meia erguendo o punho cerrado ao alto. O HOMEM a acompanha.

MULHER

Você discorda?

HOMEM

Seu cartaz é bem discutível...

MULHER

(Bufa, para si)

Começou...

HOMEM

Começou o quê?!

MULHER

A subir no muro.

(Para a plateia)

Eles nunca se posicionam, vivem em cima do muro.

HOMEM

Eu não fico em cima do muro.

MULHER

A culpa de tudo isso é de pessoas como você!

HOMEM

Tudo isso o quê?

MULHER

Tudo o que tá aí!

HOMEM

E a culpa de tudo é minha?!

MULHER

De quem fica em cima do muro! De quem não se posiciona!

HOMEM

Eu não fico em cima do muro! Eu me posiciono!

MULHER

E onde tá o teu cartaz?

HOMEM

Não preciso de cartaz pra me posicionar.

MULHER

Sem cartaz, não há posicionamento! Sem cartaz só resta o muro! O topo do muro!

HOMEM

Eu posso me posicionar com palavras!

MULHER

(Cai na gargalhada)

Essa é boa! Palavras! Faz tempo que as palavras não significam mais nada!

HOMEM

Mas nós não temos nada além das palavras!

MULHER

(Ainda rindo)

Palavras...

HOMEM

(Irônico)

E o seu cartaz... significa muito...

MULHER

Tudo!

HOMEM

E você acha que vai mudar alguma coisa com... isso?!

(Indica o cartaz)

MULHER

Pelo menos não tô parada... em cima do muro... vendo a merda toda acontecer sem fazer nada...

HOMEM

Falar palavrão não vai resolver problema nenhum!

MULHER

Prefiro palavrões... a palavrinhas.

HOMEM

Mas que coisa tão grave tá acontecendo?!

MULHER

Em que planeta você vive?! A merda toda tá aí! Explodindo na nossa cara! Só não vê quem não quer!

(Alfineta o HOMEM)

Ou quem fica em cima do muro!

(Irritada)

E a cada dia que passa, fica pior! Nós somos seres humanos, entende?! Seres humanos!

HOMEM

Com esse cartaz, o máximo que você vai conseguir é uma baita dor na cervical.

MULHER

Por quê?!

HOMEM

Porque essa não é a maneira correta de carregar um cartaz de protesto.

MULHER

Não?!

HOMEM

Não! A maneira correta é essa!

O HOMEM tira o cartaz da mão da MULHER e caminha para lá e para cá com ele, segurando-o de outra maneira e, volta e meia, erguendo o punho cerrado ao alto.

MULHER

Assim eu vou ficar com dor na lombar!

HOMEM

(Faz que não)

Esse é o jeito correto e ergonômico de carregar um cartaz de protesto.

A MULHER toma o cartaz da mão do HOMEM e retoma seu vai-e-vem, exibindo-o, ostensivamente, à sua maneira.

MULHER

E você entende alguma coisa de cartazes de protesto?! Vive em cima do muro...

HOMEM

Não é questão de ficar em cima do muro. É questão de física. A física dos objetos, entende?

MULHER

Não! Tem a ver com a anatomia dos corpos. E com a falta de posicionamento político!

HOMEM

A anatomia dos corpos e a física dos objetos são ciências paralelas. No fundo, é tudo a mesma coisa.

MULHER

Isso é um absurdo! Dá licença que eu tenho um protesto a fazer!

A MULHER se afasta do HOMEM e volta a exhibir seu cartaz à sua maneira, erguendo o punho cerrado ao alto de tempos em tempos. O HOMEM vai atrás dela.

HOMEM

Sabe o que vai acontecer se você continuar a carregar esse cartaz por aí?

MULHER

(Debocha)

Vou ficar com dor na cervical...

HOMEM

Você pode ser presa!

MULHER

(Preocupada)

Presa?! Por quê?!

HOMEM

Seu cartaz é muito agressivo!

MULHER

Você disse que ele era discutível.

HOMEM

Eu fui educado.

MULHER

Eu tô apenas expressando a minha opinião! Não se pode mais expressar uma opinião?!

HOMEM

Não dessa forma...

(Indica o cartaz)

agressiva.

MULHER

(Amedrontada)

E você acha que... eu posso parar na cadeia?...

HOMEM

Ou coisa pior.

MULHER

Tem coisa pior do que ser presa?!

HOMEM

Podem te convidar pra assistir uma peça de teatro do absurdo.

MULHER

(Preocupada)

Nossa! Isso seria horrível...

O HOMEM faz que sim. Entra o
POLICIAL.

POLICIAL

(Severo)

O que está acontecendo aqui?!

Amedrontada e como uma criança, a MULHER vem se esconder e se proteger atrás do HOMEM, que também está assustado, mas assume uma postura protetora em relação a ela. Discretamente, a MULHER joga seu cartaz no chão, com o lado escrito virado para baixo.

HOMEM

(Admira o céu, o dia,
disfarçando)

Está acontecendo um belo dia de primavera, não acha?

O POLICIAL admira o céu, o dia.

POLICIAL

Tem razão. É um belo dia de primavera.

HOMEM

A primavera é assim: repleta de belos dias.

POLICIAL

Tem razão.

(Desconfiado)

Mas... não está acontecendo mais nada nessa praça?... Nada, nada, nada?...

Na fala a seguir, o POLICIAL faz que não para todas as perguntas do HOMEM.

HOMEM

Uma brisa fresca soprando?... Uma nuvem passando no céu?...

Ouve-se o som de um passarinho.

HOMEM

(Indica o som)

Um passarinho cantando ao fundo?...

POLICIAL

Não. Eu me refiro a... atividades que violam a lei.

HOMEM

Que violam a lei?!... Não vi nada acontecendo nessa praça que viole a lei...

POLICIAL

(Descrente)

Sei... e por que essa senhorita está se escondendo atrás do senhor?

A MULHER fica mais amedrontada ainda.

HOMEM

(Sonso)

Senhorita?! Que senhorita?!

O POLICIAL tenta dar a volta no HOMEM para alcançar a MULHER, mas os dois giram de tal maneira que o HOMEM fica sempre entre o POLICIAL e a MULHER, como nas antigas comédias do cinema mudo. Eles fazem esse joguinho várias vezes, até que o POLICIAL desiste.

POLICIAL

Eu recebi uma denúncia...

Os olhos da MULHER se arregalam.

HOMEM

Que denúncia?

POLICIAL

De que alguém estaria aqui nessa praça... importunando as flores do jardim.

Aliviada, a MULHER se revela.

MULHER

Ah! É isso?! Não vi ninguém incomodando as flores...

(Para o HOMEM)

você viu?

HOMEM

Não.

POLICIAL
(Desconfiado)

Vocês têm certeza?

MULHER

Absoluta! Tô nessa praça há três dias e não vi ninguém assediando as flores.

POLICIAL
Não era bem assediando... a queixa diz...
(Consulta seu celular, que
tira do bolso)
incomodando, importunando...

MULHER

O que for. Tô aqui há cinco dias e não vi ninguém incomodando ou importunando as flores.

POLICIAL
(Desconfiado)
A senhorita disse que está aqui há três dias... agora mudou seu depoimento para cinco... por quê?

MULHER

É que o tempo passa muito rápido.

HOMEM

Muito rápido mesmo... eu também tô aqui há cinco, sete dias... e não vi ninguém incomodando ou importunando as flores.

O POLICIAL examina os dois atentamente, como se desconfiasse de algo.

MULHER
(Novamente preocupada)

Mais algum problema?...

O POLICIAL gira em torno do HOMEM e da MULHER, desconfiado, examinando-os.

MULHER

O senhor tá com uma expressão estranha...

POLICIAL

É apenas o meu instinto investigativo nato em funcionamento...

(Olha em volta)

bom... as flores parecem estar bem... os senhores são um tanto estranhos... mas não me parecem do tipo que incomodariam ou importunariam as flores...

O HOMEM e a MULHER fazem que não.

POLICIAL

Então... eu vou embora... estou atrasado para meu banho turco. Com licença.

O POLICIAL vai saindo. A MULHER respira aliviada. Mas o POLICIAL volta.

POLICIAL

(Indica o cartaz da MULHER)

E esse cartaz aí no chão... por acaso... é um cartaz de protesto?

O HOMEM e a MULHER trocam olhares preocupados. A MULHER está amedrontada, mas busca coragem e assume, como se quisesse dar uma lição ao HOMEM.

MULHER

(Confiante)

É um protesto, sim!

POLICIAL

E qual de vocês está protestando?

MULHER

Eu!

(Indica o HOMEM)

Esse aí vive em cima do muro. Nunca se posiciona.

HOMEM

Eu me posiciono, sim!

POLICIAL

E onde está o seu cartaz?

HOMEM

Não preciso de cartaz pra me posicionar.

MULHER

Sem cartaz não tem posicionamento!

HOMEM

Eu posso me posicionar com palavras!

A MULHER e o POLICIAL caem na gargalhada.

MULHER

Faz tempo que as palavras não significam mais nada...

POLICIAL

Nadinha, nadinha...

HOMEM

Mas nós não temos nada além das palavras!

A MULHER e o POLICIAL continuam a rir, até que o POLICIAL fica repentinamente sério.

POLICIAL

E esse seu protesto, senhorita... é contra o quê?

A MULHER fica novamente amedrontada e troca olhares com o HOMEM, que também fica preocupado.

POLICIAL

Então, senhorita... o seu protesto... é contra o quê?

Amedrontada, a MULHER pega seu cartaz no chão e mostra ao POLICIAL, que o lê. A plateia continua sem ver o que está escrito nele. O POLICIAL gasta um tempinho lendo o cartaz.

Preocupados, a MULHER e o HOMEM aguardam a reação do POLICIAL, que não diz nada e fica meditativo sobre o que acabou de ler.

POLICIAL

Hum...

MULHER

(Preocupada)

E aí?... O meu cartaz... é... agressivo?...

HOMEM

Discutível?...

POLICIAL

Eu diria que o seu cartaz é...

(Pensa)

incongruente!

HOMEM E MULHER

(Estranham)

Incongruente?!

POLICIAL

Terrivelmente incongruente!

MULHER

(Amedrontada)

E eu posso ser presa por causa dele?

POLICIAL

Não. A incongruência é bastante tolerada nos dias de hoje.

A MULHER fica aliviada.

POLICIAL

Agora, se me dão licença... meu banho turco me espera.

O POLICIAL vai saindo.

HOMEM

Bom banho turco.

POLICIAL

Obrigado.

O POLICIAL sai.

HOMEM

Viu a confusão que o teu protesto causou?!

MULHER

O que o meu protesto tem a ver com a coisa?! O sujeito tava atrás de bolinadores de flores! E ele não achou o meu cartaz agressivo...

HOMEM

Achou incongruente! O que é muito pior!

MULHER

Incongruência não leva ninguém pra cadeia! Ele mesmo disse.

HOMEM

Aquele policial tá mal informado. A polícia tá sempre mal informada. A incongruência é muito mais grave do que a agressividade.

MULHER

Ah... eu já entendi qual é o teu jogo: você tá querendo me assustar pra que eu volte para casa, não é?! Mas eu não vou parar!

(Grita)

Ninguém vai me calar! Ninguém vai me calar!

A MULHER retoma seu vai-e-vem,
segurando o cartaz à sua maneira.
Até que ergue o punho cerrado ao
alto e...

MULHER

(Sente dor na lombar)

Ai! Minha lombar!

HOMEM

Eu avisei!

MULHER

Ai... você disse que a minha cervical é que ia doer...

HOMEM

É a sua cervical que tá doendo.

MULHER

Mas a dor é aqui... na lombar.

HOMEM

Não! A dor é na cervical!

MULHER

(Passa a mão na cervical)

É?

HOMEM

Claro!

MULHER

Estranho... eu sinto a dor aqui, na lombar...

HOMEM

A tua dor tá fora de prumo... como o teu cartaz... e o teu protesto...

MULHER

Meu protesto não tá fora de prumo! Meu cartaz também não! E eu tô sentindo dor na lombar!

A MULHER continua seu vai-e-vem com o cartaz, segurando-o à sua maneira e reclamando de dor na lombar. O HOMEM a acompanha.

HOMEM

Acho melhor você parar de carregar esse cartaz agressivo e incongruente! A tua cervical vai piorar!

MULHER

Eu tenho o direito de me posicionar! Se você prefere ficar em cima do muro, problema teu. Não vou deixar que me calem,
(Xinga o HOMEM)

isentão!

HOMEM

(Se irrita)

Eu não sou isentão!

MULHER

É, sim! Vai subir no teu muro e deixa meu protesto em paz! Bem que mamãe me alertou sobre você...

HOMEM

Ah, é?! Pois eu vou acabar com esse absurdo! Ou você para agora ou/

MULHER

(Corta, desafiadora)

Ou o quê?! Vai me bater?! Mandar me prender?! Me convidar pra assistir uma peça de teatro do absurdo?!

O HOMEM se contém para não avançar
contra a MULHER.

MULHER

(Xinga)

Isentão! Fascista! Monarquista!

HOMEM

(Ofendido)

Ê, pera lá! Monarquista, não!

MULHER

Monarquista, sim!

HOMEM

Ah, sou Monarquista, né?! Pois olha o que eu faço com o teu protesto!

O HOMEM tenta arrancar o cartaz das
mãos da MULHER. Os dois o disputam
até que o HOMEM vence e atira o
cartaz num canto. Na disputa, a
MULHER cai no chão.

HOMEM

Pronto! Teu protesto acabou!

MULHER

Ai! Minha cervical!

HOMEM

Eu avisei...

MULHER

Ai! Tá doendo muito!

HOMEM

Você é sempre tão agressiva... tão incongruente... a cervical reclama...

MULHER

Ai, minha cervical!...

HOMEM

(Culpado)

Eu posso fazer uma massagem... quer?

MULHER

(Faz que sim)

Qualquer coisa que faça essa dor parar!

O HOMEM vai massagear a cervical da MULHER. Ela gosta da massagem e geme de prazer, como numa relação sexual, e assim vai, num crescendo.

MULHER

Hum! Que gostoso!

HOMEM

Tá bom?

MULHER

Uma delícia! Relaxante! Ai! Você tem mãos ergonômicas! Hum! Domina a física dos objetos... a anatomia dos corpos... ai! Ai! Não para! Não para! Continua! Continua! Ahhhhh! Ahhhhh!

A MULHER goza e se larga, saciada.
O HOMEM também se larga no chão,
como se também tivesse gozado.

MULHER

Que delícia...

HOMEM

Foi bom pra você?

MULHER

Incrível!

HOMEM

A dor na cervical passou?

MULHER

(Passa a mão na cervical)

Passou! Não tô sentindo mais nada! Brigada!

A MULHER dá um selinho na boca do
HOMEM.

HOMEM

De nada... agora... vamos voltar pra casa? Já tem nove dias
que você tá nessa praça... pode acontecer alguma coisa...

MULHER

Me ajuda a levantar? Tô com medo de machucar a cervical
novamente...

O HOMEM faz que sim e ajuda a
MULHER a se levantar.

MULHER

Pega o meu cartaz, por favor?

O HOMEM faz que sim, pega o cartaz
e o estende para a MULHER.

MULHER

Carrega pra mim? A cervical pode voltar a doer...

HOMEM

Claro.

O HOMEM segura o cartaz da mesma
maneira que segurou antes. A MULHER
o corrige.

MULHER

Não. Assim, não. Assim.

O HOMEM passa a carregar o cartaz
da mesma maneira que a MULHER
carregava antes. Eles voltam a
caminhar de um lado para o outro. A
MULHER apenas acompanha o HOMEM,
que ergue o punho cerrado para o
alto de tempos em tempos.

HOMEM

Vamos voltar pra casa... sem você... não é a mesma coisa...

MULHER

Só quando o meu protesto for atendido...

HOMEM

(Vencido)

Tá bom... eu concordo...

MULHER

Quem tem que concordar é o prefeito da cidade.

HOMEM

Eu sou o prefeito dessa cidade!

MULHER

Eu sou casada com o prefeito... e nunca soube?!

HOMEM

(Faz que sim)

Não gosto de misturar trabalho com família.

MULHER

Faz bem. E você vai mesmo atender à minha reivindicação?

HOMEM

(Mão esquerda levantada)

Palavra de prefeito.

MULHER

Palavra de prefeito não vale nada.

HOMEM

(Mão esquerda levantada)

Palavra de marido.

MULHER

Vale menos ainda.

HOMEM

Palavra de homem!

MULHER

Pior!

HOMEM

É tudo o que tenho a oferecer... palavras.

A MULHER cai na gargalhada.

MULHER

Palavras!... Essa é boa...

Enquanto continua a rir, a MULHER enfia o cartaz numa lata de lixo. O HOMEM estranha o gesto dela. A MULHER se aproxima dele e lhe oferece o braço. O HOMEM estranha mais ainda.

MULHER

Vamos?

HOMEM

Pra onde?!

MULHER

Vou dar uma chance pras suas palavras.

O HOMEM sorri, eles dão os braços e vão saindo do palco. A luz vai caindo, restando um último foco no cartaz enfiado na lata de lixo.

Cortina.

Tinha uma árvore no meio do caminho

Personagens

ESTRAGADO

SORTUDA

PADRE

QUANDO A CORTINA ABRE, vemos uma longa estrada asfaltada, que, em perspectiva, se perde e se dirige ao fundo do palco.

SORTUDA e ESTRAGADO caminham pela estrada, de costas para a plateia. SORTUDA, na frente, tem arreios na cabeça e uma rédea dominada por ESTRAGADO, que vai atrás. Eles caminham como se SORTUDA fosse um cavalo e ESTRAGADO o cocheiro de uma charrete imaginária. ESTRAGADO tem um coldre de revólver vazio preso à cintura e à perna direita e ambos carregam bolsas de couro. ESTRAGADO tem o hábito de resmungar baixinho palavras ininteligíveis, para si.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO estala um chicote, fazendo sons com a boca para SORTUDA continuar andando. Sons que se faz a um cavalo. Eles andam mais um pouco.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO estala um chicote, fazendo sons com a boca para SORTUDA continuar andando. Sons que se faz a um cavalo. Eles andam mais um pouco.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO estala um chicote, fazendo sons com a boca para SORTUDA continuar andando.

Sons que se faz a um cavalo. Eles andam mais um pouco.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO

Ficar perguntando se falta muito não vai fazer a gente chegar.

SORTUDA

Eu tô cansada.

ESTRAGADO

Ô!

Como um cocheiro numa charrete, ESTRAGADO puxa as rédeas, fazendo com que SORTUDA pare. Depois vai tirar seus arreios e rédea. Os dois sentam na beira da estrada.

SORTUDA

Tô com fome.

ESTRAGADO tira da bolsa uma cenoura e a estende a SORTUDA.

SORTUDA

Quero maçã.

ESTRAGADO

As maçãs estão extintas... culpa sua...

SORTUDA, conformada, pega a cenoura e começa a comê-la. Tempinho nela comendo.

SORTUDA

Me dá aula?

ESTRAGADO, contrariado e resmungando, se levanta, tira uma lousa e giz de sua bolsa e escreve: "Aula de História".

SORTUDA

Não... quero aula de línguas.

Contrariado e resmungando,
 ESTRAGADO apaga a palavra
 "História" da lousa e escreve
 "Línguas" no lugar.

ESTRAGADO

Presta atenção: a gente conversa pra não se entender,
 entendeu?

SORTUDA

Não.

ESTRAGADO

A gente ouve, mas não escuta.

SORTUDA

(Como se não tivesse
 escutado)

Hã?

ESTRAGADO

Quem fala a verdade mente.

SORTUDA

Mentira!

ESTRAGADO

Palavras não têm importância... importante são as pausas... o
 silêncio...

ESTRAGADO aponta o dedo e eles
 ficam calados um tempo, como se
 escutassem o silêncio. Até que
 SORTUDA levanta o dedo.

SORTUDA

Posso fazer uma pergunta?

ESTRAGADO

(Contrariado)

Já fez.

SORTUDA

Posso fazer mais uma pergunta?

ESTRAGADO

Já fez, de novo!

SORTUDA

(Pensa)

Posso fazer duas perguntas, essa e mais uma?

ESTRAGADO

(Saco cheio)

Pode.

SORTUDA

Eugène, Samuel, Arthur, Harold, Boris, Fernando, Jean, Jean de novo, Edward, Joe, Tadeusz, Wolfgang, Manuel... por que todos os autores do Teatro do Absurdo eram homens?

ESTRAGADO

Ionesco era mulher.

SORTUDA

E Eugène, por acaso, é nome de mulher?!

ESTRAGADO

Em francês, a língua original dela, Eugène pode ser um nome masculino, feminino, trans, não binário, fluido, neutro, pangênero, agênero, genderqueer, two-spirit, terceiro gênero... os franceses são assim... modernos...

SORTUDA

A língua original do Ionesco não era o francês, era o romeno!

A partir daqui, eles dizem suas falas uma imediatamente após a outra, como numa disputa.

ESTRAGADO

Era a língua do P.

SORTUDA

Língua de trapo.

ESTRAGADO

Língua de fogo.

Língua afiada.	SORTUDA
Língua comprida.	ESTRAGADO
Língua de gato.	SORTUDA
Língua D'oc.	ESTRAGADO
Língua falada.	SORTUDA
Língua materna.	ESTRAGADO
Língua nativa.	SORTUDA
Língua pátria.	ESTRAGADO
Língua presa.	SORTUDA
Língua viperina.	ESTRAGADO
Língua morta.	SORTUDA

ESTRAGADO pensa, mas não sabe o que mais dizer. Como se tivesse vencido uma disputa, SORTUDA comemora, sorri e mostra a língua a ESTRAGADO, que resmunga.

Cansei de estudar.

Aliviado e resmungando, ESTRAGADO guarda o giz e a lousa em sua bolsa e senta ao lado de SORTUDA.

SORTUDA

(Pensativa)

A gente nunca conseguiu falar a mesma língua, não é, Estragado?

ESTRAGADO

Ninguém fala a mesma língua... cada um fala a sua...

SORTUDA

(Tom de recriminação)

Se falássemos a mesma língua... aquilo não teria acontecido...

ESTRAGADO fica incomodado e resmunga. Pausa.

SORTUDA

O sol vai se pôr hoje?

ESTRAGADO

(Examina o céu)

Não sei...

SORTUDA

Mas eu preciso! Não consigo dormir com a luz do dia...

ESTRAGADO

Você tem medo de escuro!

SORTUDA

Tenho. Mas preciso dele pra dormir. Como nós dois: tenho medo de você, Estragado... mas preciso de você...

ESTRAGADO

Você poderia viver muito bem sem mim...

SORTUDA

(Pensa e faz que não)

Eu não saberia onde conseguir as cenouras...

Num efeito de luz, começa a escurecer.

ESTRAGADO

(Olha para cima)

O sol... vai se pôr...

Como uma criança assustada, SORTUDA
vai se agarrar e se proteger com
ESTRAGADO.

SORTUDA

Tô com medo...

ESTRAGADO

É só o escuro. Não tem nada no escuro.

SORTUDA

É isso que me dá medo...

Pausa. A luz vai caindo.

SORTUDA

Estragado...

ESTRAGADO

Quê?

SORTUDA

O que você fez com aquela criança... por que você fez
aquilo?!

ESTRAGADO fica incomodado e
resmungá. Já escureceu
completamente. Não se vê nada.
Pausa.

SORTUDA

Canta uma canção.

ESTRAGADO

Não conheço nenhuma.

SORTUDA

(Firme)

Conhece, sim. Canta.

ESTRAGADO

(Canta)

Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem
medo de careta.

Essa canção é terrível!

É a única que eu sei.

Não serve.

Fecha os olhos.

Pra quê? De olho aberto ou fechado... não dá pra ver nada...

De olhos fechados, a gente consegue olhar pra dentro de nós mesmos... aí o sono vem...

Por quê?

Porque é entediante olhar pra dentro de nós mesmos.

Você vai fechar os olhos também?

Não.

Você não tem coragem, não é, Estragado?

Ouvimos os resmungos de ESTRAGADO e depois silêncio.

Eu vou fechar os olhos... se eu não dormir... você vai se ver comigo.

Pausa.

Funciona, Estragado! Tô dormindo!

ESTRAGADO

Eu falei.

SORTUDA
(Amedrontada)

E se vier um pesadelo?!

ESTRAGADO

As serpentes não te assombram mais... dorme.

Uma longa pausa e silêncio na escuridão total. Até que o sol começa a nascer e a luz sobe lentamente, revelando uma pequena árvore, com não mais de um metro, que nasceu bem no centro da estrada. A árvore é pequena e, obviamente, não bloqueia a estrada. SORTUDA está dormindo com a cabeça sobre o colo de ESTRAGADO, que está sentado de pernas cruzadas, com os olhos arregalados, mirando fixamente o outro lado. SORTUDA começa a acordar e boceja.

SORTUDA

Ah!... Dormi como uma pedra... e você?

ESTRAGADO

Você sabe muito bem que... desde aquele dia... eu não consigo dormir...

SORTUDA

Bem feito! O que você fez comigo não se faz!

SORTUDA senta, olha para a árvore e estranha.

SORTUDA

Estragado!

ESTRAGADO

Quê?

SORTUDA
(Aponta a árvore)

Olha aquilo.

ESTRAGADO olha para a árvore e se espanta.

ESTRAGADO

Não acredito!

ESTRAGADO vai olhar a árvore de perto. SORTUDA o segue.

ESTRAGADO

Isso tava aqui ontem?!

SORTUDA

Não lembro. O que é?

ESTRAGADO

Você não sabe o que é isso?!

SORTUDA

Não lembro.

ESTRAGADO

É uma árvore!

(Feliz)

Pode ser um sinal!

SORTUDA

Sinal de quê?

ESTRAGADO

De que os tempos ruins acabaram!

(Tom de súplica)

E que nós já podemos parar...

SORTUDA encara ESTRAGADO e pensa por um tempo.

SORTUDA

Não. É só uma árvore.

ESTRAGADO

Mas ela tá bloqueando a estrada! Não podemos seguir viagem!

SORTUDA

Dá o seu jeito!

ESTRAGADO

Não posso! Você lembra o que aconteceu quando eu comecei a mexer com árvores...

SORTUDA

E o que a gente vai fazer?

ESTRAGADO

Vamos ter que esperar...

SORTUDA

A árvore sair da estrada?!

ESTRAGADO

Árvores não andam. Ficam sempre onde nasceram. Só nos resta esperar.

SORTUDA

Droga!

ESTRAGADO e SORTUDA sentam para esperar. Tempinho na espera deles.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO

Pra quê?

SORTUDA

Pra gente parar de esperar.

ESTRAGADO

A gente vai ter que esperar pra sempre...

SORTUDA

Então vai demorar?

ESTRAGADO

Pra sempre.

SORTUDA

Pra sempre é muito?

ESTRAGADO

Pra sempre... é pra sempre.

Pausa. Eles esperam.

SORTUDA

Já passou pra sempre?

ESTRAGADO

Não.

Pausa. Eles esperam.

SORTUDA

Já passou pra sempre?

ESTRAGADO

Não.

Pausa. Eles esperam.

SORTUDA

Já passou pra sempre?

ESTRAGADO

Não.

Pausa. Eles esperam. O PADRE entra, vestindo batina negra e um colar com um crucifixo dourado pendurado no pescoço. Ele caminha até a árvore e, maravilhado, faz o sinal da cruz, se ajoelha e inicia uma reza baixinha e ininteligível, com as mãos postas. ESTRAGADO e SORTUDA se entreolham, sérios.

SORTUDA

Quem é?

ESTRAGADO

(Amedrontado)

Parece... um padre...

ESTRAGADO vem se esconder atrás de SORTUDA.

SORTUDA

Vai conversar com ele.

ESTRAGADO
(Amedrontado)

Não!

SORTUDA

Vai, sim!

SORTUDA empurra ESTRAGADO e os dois se aproximam do PADRE. ESTRAGADO com muito medo dele.

SORTUDA

Conversa.

ESTRAGADO, com medo, não consegue falar nada.

SORTUDA

Conversa!

ESTRAGADO
(Ao PADRE, com medo)

Com licença... senhor...

Mas o PADRE continua sua reza sem perceber a presença deles.

ESTRAGADO

Senhor?...

ESTRAGADO faz um gesto de "eu tentei" para SORTUDA, que, com outro gesto, manda que ele insista. ESTRAGADO resmunga, reunindo coragem. Como se tocasse num animal feroz, ESTRAGADO cutuca levemente o PADRE, se afastando rapidamente em seguida.

ESTRAGADO

Senhor?

ESTRAGADO repete o cutucão e a fuga por mais duas vezes, mas o PADRE continua alheio em sua reza.

ESTRAGADO

Senhor? Senhor?

Finalmente o PADRE termina sua reza, faz o sinal da cruz e se levanta.

PADRE

(Extasiado)

Estão vendo?! Uma árvore! Isso não é maravilhoso?!

ESTRAGADO

Isso é um absurdo!

PADRE

Por quê?!

ESTRAGADO

Árvores não nascem no asfalto.

(Para SORTUDA)

Deve haver um significado pra isso, Sortuda!

PADRE

Os significados estão sempre muito bem escondidos... não há como chegar neles...

(Feliz)

O que importa é que uma árvore nasceu! Vocês deveriam se regozijar!

SORTUDA

Regozijar?! Ela tá impedindo a gente de continuar viagem!

PADRE

Vocês não precisam mais ir a lugar algum! É uma árvore! O lugar onde vocês devem estar é aqui e agora.

ESTRAGADO

E vamos fazer o que aqui e agora?

PADRE

Sentar e assistir à árvore crescer.

O PADRE senta e fica olhando para a árvore. Ainda que estranhando, ESTRAGADO e SORTUDA fazem o mesmo. Tempinho neles olhando para a árvore.

ESTRAGADO
Estragado.

SORTUDA
Quê?

ESTRAGADO
A árvore...

SORTUDA
Quê?

ESTRAGADO
Não tá crescendo...

PADRE
Claro que está. As árvores estão sempre crescendo. Se você olhar bem atentamente, vai perceber.

SORTUDA olha atentamente para a árvore por um tempo.

SORTUDA
Não tá crescendo, não...
(Para ESTRAGADO)
Tá chato, Estragado... vambora?

ESTRAGADO
Como?! A árvore tá no meio do caminho!

SORTUDA
Dá o seu jeito.

ESTRAGADO resmunga.

PADRE
Vocês deveriam ficar.

SORTUDA
Diz pra ele, Estragado.

ESTRAGADO

O quê?

SORTUDA

Aquele seu discurso bonito.

ESTRAGADO

(Solene)

Ficar é morrer. Os mortos estão mortos porque ficam, porque não conseguem mais ir de um lugar a outro. Como dizia Heráclito, a vida é um rio em movimento.

PADRE

Não foi isso que Heráclito falou. Ele disse que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio.

ESTRAGADO

São dois jeitos diferentes de dizer a mesma coisa.

PADRE

E se eu lhes oferecesse emprego?

(Para ESTRAGADO)

Você poderia ser meu assistente e você...

(Para SORTUDA)

minha mulher.

SORTUDA

Casamento não é emprego!

ESTRAGADO

E padres não podem casar.

PADRE

Eu não sou padre.

ESTRAGADO

É o quê?

PADRE

Pajé de uma tribo de índios.

ESTRAGADO

(Aliviado)

Ah! Graças a Deus!...

SORTUDA

E onde tá a sua tribo?

PADRE

Infelizmente... foi extinta...

SORTUDA

Sinto muito... mas... se a sua tribo foi extinta... você é pajé de ninguém... então não é pajé.

ESTRAGADO

Parece padre...

PADRE

Bom... fiz minha oferta... mas se vocês querem ir...

ESTRAGADO

Como?! A árvore tá bloqueando a estrada!

O PADRE retira a árvore do chão e a coloca no canto do estrada, fazendo um gesto de que eles podem seguir viagem. ESTRAGADO e SORTUDA olham para sua ação maravilhados.

ESTRAGADO

Como você fez isso?!

PADRE

Nós pajés somos capazes de grandiosos milagres...

SORTUDA

Vambora, Estragado.

ESTRAGADO coloca os arreios e a rédea em SORTUDA e eles dão a volta, se alinhando à estrada e se preparando para partir.

PADRE

Antes... posso fazer uma pergunta?

ESTRAGADO

(Contrariado)

Já fez.

PADRE

Posso fazer mais uma pergunta?

ESTRAGADO

Já fez, de novo!

PADRE

(Pensa)

Posso fazer duas perguntas: essa e mais uma?

ESTRAGADO

(De saco cheio)

Pode.

PADRE

(Indica SORTUDA, desconfiado)

Por acaso... ela é sua escrava?!

ESTRAGADO

Não.

PADRE

(Desconfiado)

Está me parecendo que sim...

ESTRAGADO

Eu é que sou escravo dela.

PADRE

Então quem deveria puxar a charrete é você.

ESTRAGADO

(Não entende)

Por quê?

PADRE

Porque o trabalho duro fica sempre pros escravos.

SORTUDA

Eu gosto de trabalhar duro.

(Alfineta ESTRAGADO)

Me ajuda a esquecer.

PADRE

Você não pode ser escravo dela!

ESTRAGADO

Por que não?

PADRE

Porque a escravidão é um crime hediondo e foi abolida há muitos anos.

SORTUDA

Mas foi ele que pediu pra ser meu escravo!

ESTRAGADO

(Faz que sim)

E ela aceitou ser a minha ama.

PADRE

A escravidão vai contra todas as leis: dos homens, dos espíritos da floresta e de Deus.

ESTRAGADO vem tirar os arreios e a rédea de SORTUDA, que se recusa.

SORTUDA

Não!

ESTRAGADO

O pajé falou que não pode!

SORTUDA

(Para o PADRE)

E se nós insistirmos?

PADRE

Seria um crime gravíssimo.

SORTUDA

E quem iria nos punir?

O PADRE aponta o céu.

ESTRAGADO

(Amedrontado)

É perigoso mexer com essas coisas, Sortuda...

SORTUDA

(Para ESTRAGADO)

Um crime a mais... não vai fazer diferença pra você. Vamos.

SORTUDA e ESTRAGADO vão dando a volta com a "charrete" para voltar à estrada.

PADRE

Antes... posso fazer uma pergunta?

ESTRAGADO

(Contrariado)

Já fez.

PADRE

(Sacana)

Posso fazer duas perguntas: essa e mais uma?

O PADRE ri para ESTRAGADO, sacaneando-o.

ESTRAGADO

(De saco cheio)

Pode.

PADRE

(Para ESTRAGADO)

Por que você pediu pra ser escravo dela?!

Amedrontado e sem saber o que dizer, ESTRAGADO olha para SORTUDA, como se a consultasse.

SORTUDA

(Raivosa)

Conta! Conta pra ele!

ESTRAGADO

(Envergonhado)

Não consigo...

PADRE

Então não posso te perdoar.

Enquanto conversam, o PADRE, discretamente e sem que os outros percebam, volta com a árvore para o meio da estrada.

ESTRAGADO

(Maravilhado)

Você poderia... me perdoar?!

PADRE

Claro!

ESTRAGADO continua a conversar com o PADRE, mas agora olhando para SORTUDA.

ESTRAGADO

De todos os meus crimes?!

PADRE

De todos.

ESTRAGADO, extasiado, sorri para SORTUDA, que está séria.

PADRE

Desde que você me contasse que crimes foram esses.

ESTRAGADO engole o sorriso.

SORTUDA

Isso parece fofoca...

ESTRAGADO

(Arrasado)

E não seria possível...

PADRE

Por quê?

SORTUDA

Os crimes dele... foram muitos...

ESTRAGADO

Não haveria tempo...

PADRE

Sendo assim... não posso te perdoar...

ESTRAGADO fica arrasado e dá seus resmungos.

SORTUDA

Vambora, Estragado.

PADRE

Vocês não podem ir.

SORTUDA

Por que não?!

Sacana, o PADRE indica a árvore no meio da estrada.

SORTUDA

Ah, não!

(Para ESTRAGADO)

Esse pajé tá começando a me irritar, Estragado!

ESTRAGADO

E o que você quer que eu faça?!

SORTUDA tira de sua bolsa um revólver e o estende a ESTRAGADO, que fica com medo da arma.

ESTRAGADO

Não! Não quero!

SORTUDA

(Dura)

Anda!

Contrariado e resmungando, ESTRAGADO pega o revólver como se tivesse medo dele.

SORTUDA

(Dura)

Anda, Estragado!

ESTRAGADO deixa de lado seu medo, assume uma cara de mau, gira o revólver no dedo com destreza, como um cowboy, e faz malabarismos com ele. SORTUDA se diverte com o showzinho de ESTRAGADO e bate palminhas.

O PADRE olha a cena sem entender.
Depois, ESTRAGADO aponta a arma
para o PADRE.

ESTRAGADO

Tira a árvore da estrada!

PADRE

Não.

ESTRAGADO olha para SORTUDA, como
se a consultasse. SORTUDA faz um
gesto para que ele prossiga.
Ameaçador, ESTRAGADO engatilha o
revólver, com o som característico
reverberando nas caixas de som do
teatro.

ESTRAGADO

(Ameaçador)

Tira a árvore da estrada!

O PADRE retira a árvore da estrada.
Satisfeito, ESTRAGADO guarda o
revólver no coldre, mas o PADRE
volta com a árvore para o meio da
estrada. ESTRAGADO pega novamente o
revólver, engatilha, com
reverberação nas caixas de som, e o
aponta para o PADRE, que,
novamente, retira a árvore da
estrada. ESTRAGADO guarda o
revólver no coldre e o PADRE volta
com a árvore para o meio da
estrada. Fazem esse jogo mais uma
vez, até que ESTRAGADO olha para
SORTUDA, como se a consultasse.
SORTUDA faz um gesto, autorizando.
ESTRAGADO saca a arma do coldre,
engatilha, com reverberação, e
aponta para o PADRE.

ESTRAGADO

(Ameaçador)

Tira a árvore da estrada!

O PADRE tira a árvore do meio da estrada e a coloca num canto. Mas se assusta ao ver que ESTRAGADO não guardou o revólver no coldre e se aproxima dele.

PADRE

Não! Não! Não!

ESTRAGADO atira no PADRE, que cai morto. ESTRAGADO baixa a cabeça, arrasado. SORTUDA se aproxima e estende a mão. ESTRAGADO lhe devolve a arma e ela a guarda em sua bolsa.

SORTUDA

Vambora.

ESTRAGADO e SORTUDA seguem seu caminho com a charrete imaginária. A luz vai caindo lentamente sobre eles e o corpo do PADRE morto no chão.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO estala um chicote, fazendo sons com a boca para SORTUDA continuar andando. Sons que se faz a um cavalo.

SORTUDA

Falta muito?

ESTRAGADO estala um chicote, fazendo sons com a boca para SORTUDA continuar andando. Sons que se faz a um cavalo.

Black-out.

Cortina.

O Trem das Sete

Personagens

JEAN
SAMUEL

QUANDO A CORTINA ABRE, vemos no palco uma estação de trem antiga. Nas caixas de som do teatro, ouvimos o rumor de uma engrenagem em funcionamento. O som da engrenagem é baixo, grave, ao fundo, mas preenche a cena o tempo todo da encenação. SAMUEL está sentado num banco com o olhar fixo e perdido na direção de onde supõe-se que o trem virá. Tempinho nisso.

JEAN entra e senta em outro banco.
Ela examina SAMUEL atentamente.
SAMUEL continua com o olhar perdido na estrada de ferro.

JEAN

A gente não se conhece de algum lugar?

SAMUEL

Ah... não sei...

JEAN

Ainda demora?...

SAMUEL

(Examina atentamente o rosto de JEAN)

Não lembro.

JEAN

O trem. Tá no horário?

SAMUEL

O quê?

Nas caixas de som do teatro, ouve-se uma engasgada da engrenagem, como se houvesse um dente quebrado. Depois, o som da engrenagem volta ao normal.

JEAN

A gente não se conhece de algum lugar?

SAMUEL

O quê?

JEAN

Ainda demora?...

SAMUEL

Ah... não sei...

JEAN

O trem. Tá no horário?

SAMUEL

(Examina atentamente o rosto
de JEAN)

Não lembro.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

A gente não se conhece de algum lugar?

SAMUEL

(Examina atentamente o rosto
de JEAN)

Não lembro.

JEAN

Ainda demora?...

SAMUEL

O quê?

JEAN

O trem. Tá no horário?

SAMUEL

Ah... não sei...

JEAN

Há quanto tempo você tá esperando?

SAMUEL

Já perdi coisas piores. Em lugares piores.

JEAN

E não passou nenhum?!

SAMUEL

(Olha seu relógio de pulso)

Umas duas semanas...

JEAN

Você não se importa de perder o seu tempo nessa estação?

SAMUEL

Nenhum.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Há quanto tempo você tá esperando?

SAMUEL

Nenhum.

JEAN

E não passou nenhum?!

SAMUEL

Já perdi coisas piores. Em lugares piores.

JEAN

Você não se importa de perder o seu tempo nessa estação?

SAMUEL

(Olha seu relógio de pulso)

Umas duas semanas...

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Há quanto tempo você tá esperando?

SAMUEL

(Olha seu relógio de pulso)

Umás duas semanas...

JEAN

E não passou nenhum?!

SAMUEL

Nenhum.

JEAN

Você não se importa de perder o seu tempo nessa estação?

SAMUEL

Já perdi coisas piores. Em lugares piores.

JEAN

É normal o trem atrasar assim?

SAMUEL

Trens são assim: imprevisíveis.

JEAN

A ferrovia tava interrompida?

SAMUEL

Uma vez ele ficou parado na estrada um mês.

JEAN

Que coisa!

SAMUEL

Não. Tava livre, desimpedida. Mas o trem se recusava a seguir... e ficou lá... parado... resfolegando... um mês...

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

É normal o trem atrasar assim?

SAMUEL

Não. Tava livre, desimpedida. Mas o trem se recusava a seguir... e ficou lá... parado... resfolegando... um mês...

JEAN

A ferrovia tava interrompida?

SAMUEL

Trens são assim: imprevisíveis.

JEAN

Que coisa!

SAMUEL

Uma vez ele ficou parado na estrada um mês.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

É normal o trem atrasar assim?

SAMUEL

Uma vez ele ficou parado na estrada um mês.

JEAN

A ferrovia tava interrompida?

SAMUEL

Não. Tava livre, desimpedida. Mas o trem se recusava a
seguir... e ficou lá... parado... resfolegando... um mês...

JEAN

Que coisa!

SAMUEL

Trens são assim: imprevisíveis.

JEAN

(Pega seu celular na bolsa)

Você tem Facebook?

SAMUEL

Não.

JEAN

Instagram?

SAMUEL

Não.

Twitter?
JEAN

Não.
SAMUEL

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

Você tem Facebook?
JEAN
(Pega seu celular na bolsa)

Não.
SAMUEL

Instagram?
JEAN

Não.
SAMUEL

Twitter?
JEAN

Não.
SAMUEL

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

Você tem Facebook?
JEAN
(Pega seu celular na bolsa)

Não.
SAMUEL

Instagram?
JEAN

Não.
SAMUEL

Twitter?
JEAN

SAMUEL

Não.

JEAN

Pessoa difícil, hein?... você não se relaciona com ninguém?!

SAMUEL

Já falei: eu não tenho Facebook.

JEAN

Acho que lembro o que é... e como ele está?

SAMUEL

(Pensa)

Uma vez... eu tive um amigo... amigo, sabe o que é?

JEAN

Nunca procurou ele no Facebook?

SAMUEL

Tem tempo que não vejo...

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Pessoa difícil, hein?... você não se relaciona com ninguém?!

SAMUEL

Tem tempo que não vejo...

JEAN

Acho que lembro o que é... e como ele está?

SAMUEL

Já falei: eu não tenho Facebook.

JEAN

Nunca procurou ele no Facebook?

SAMUEL

(Pensa)

Uma vez... eu tive um amigo... amigo, sabe o que é?

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Pessoa difícil, hein?... você não se relaciona com ninguém?!

SAMUEL

(Pensa)

Uma vez... eu tive um amigo... amigo, sabe o que é?

JEAN

Acho que lembro o que é... e como ele está?

SAMUEL

Tem tempo que não vejo...

JEAN

Nunca procurou ele no Facebook?

SAMUEL

Já falei: eu não tenho Facebook.

JEAN guarda seu celular na bolsa.

JEAN

Você é desses?

SAMUEL

Na verdade... não tenho vontade de falar sobre tecnologia...

JEAN

Que são contra a tecnologia.

SAMUEL

(Não entende)

Desses?!

JEAN

Pode ser... mas não é.

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Não... não tenho nada contra a tecnologia... pode ser uma coisa boa.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Você é desses?

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Não... não tenho nada contra a tecnologia... pode ser uma coisa boa.

JEAN

Que são contra a tecnologia.

SAMUEL

Na verdade... não tenho vontade de falar sobre tecnologia...

JEAN

Pode ser... mas não é.

SAMUEL

(Não entende)

Desses?!

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Você é desses?

SAMUEL

(Não entende)

Desses?!

JEAN

Que são contra a tecnologia.

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Não... não tenho nada contra a tecnologia... pode ser uma coisa boa.

JEAN

Pode ser... mas não é.

SAMUEL

Na verdade... não tenho vontade de falar sobre tecnologia...

JEAN

Hum... e tem vontade de falar sobre o quê?

SAMUEL dá de ombros.

JEAN

Não é possível! Todo mundo tem vontade de falar sobre alguma coisa. Todo mundo tem alguma coisa a dizer.

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Acho que nada.

JEAN

Já li a respeito... mas não acredito. Você acredita?

SAMUEL

Eu não tenho vontade de falar sobre nada... parece que as mulheres precisam falar mais do que os homens...

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Hum... e tem vontade de falar sobre o quê?

SAMUEL

Eu não tenho vontade de falar sobre nada... parece que as mulheres precisam falar mais do que os homens...

JEAN

Não é possível! Todo mundo tem vontade de falar sobre alguma coisa. Todo mundo tem alguma coisa a dizer.

SAMUEL dá de ombros.

JEAN

Já li a respeito... mas não acredito. Você acredita?

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Acho que nada.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Hum... e tem vontade de falar sobre o quê?

SAMUEL

(Pensa antes de responder)

Acho que nada.

JEAN

Não é possível! Todo mundo tem vontade de falar sobre alguma coisa. Todo mundo tem alguma coisa a dizer.

SAMUEL

Eu não tenho vontade de falar sobre nada... parece que as mulheres precisam falar mais do que os homens...

JEAN

Já li a respeito... mas não acredito. Você acredita?

SAMUEL dá de ombros.

SAMUEL

Você faz muitas perguntas, não é?

JEAN

Ainda bem. Não gosto de incomodar as pessoas.

SAMUEL

Fez mais uma.

JEAN

Te incomoda?

SAMUEL

Não precisa se desculpar. Não foi uma reclamação. Eu só comentei que você faz muitas perguntas.

JEAN

Desculpa.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

SAMUEL

Você faz muitas perguntas, não é?

JEAN

Desculpa.

SAMUEL

Fez mais uma.

JEAN

Ainda bem. Não gosto de incomodar as pessoas.

SAMUEL

Não precisa se desculpar. Não foi uma reclamação. Eu só comentei que você faz muitas perguntas.

JEAN

Te incomoda?

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

SAMUEL

Você faz muitas perguntas, não é?

JEAN

Te incomoda?

SAMUEL

Fez mais uma.

JEAN

Desculpa.

SAMUEL

Não precisa se desculpar. Não foi uma reclamação. Eu só comentei que você faz muitas perguntas.

JEAN

Ainda bem. Não gosto de incomodar as pessoas.

(Olha em volta)

Já reparou como é difícil?

SAMUEL

Imagino que todos sejam... um pouco...

JEAN

As coisas se encaixarem... tem sempre algum encaixe que não encaixa.

SAMUEL

O quê?

JEAN

(Faz que sim)

Eu admito: sou uma desencaixada no mundo.

SAMUEL

Encaixe que não encaixa?!

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha em volta)

Já reparou como é difícil?

SAMUEL

Encaixe que não encaixa?!

JEAN

As coisas se encaixarem... tem sempre algum encaixe que não
encaixa.

SAMUEL

Imagino que todos sejam... um pouco...

JEAN

(Faz que sim)

Eu admito: sou uma desencaixada no mundo.

SAMUEL

O quê?

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha em volta)

Já reparou como é difícil?

SAMUEL

O quê?

JEAN

As coisas se encaixarem... tem sempre algum encaixe que não encaixa.

SAMUEL

Encaixe que não encaixa?!

JEAN

(Faz que sim)

Eu admito: sou uma desencaixada no mundo.

SAMUEL

Imagino que todos sejam... um pouco...

JEAN

Você acha que é Deus que faz as coisas não se encaixarem?

SAMUEL

(Pensa)

É o que parece.

JEAN

Pode ser mentira.

SAMUEL

Deus não é só bondade e amor?

JEAN

Então... você acha que as coisas não se encaixam porque não se encaixam e pronto?

SAMUEL

(Dá de ombros)

Eu não acredito em Deus mesmo.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Você acha que é Deus que faz as coisas não se encaixarem?

SAMUEL

(Dá de ombros)

Eu não acredito em Deus mesmo.

JEAN

Pode ser mentira.

SAMUEL

(Pensa)

É o que parece.

JEAN

Então... você acha que as coisas não se encaixam porque não se encaixam e pronto?

SAMUEL

Deus não é só bondade e amor?

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Você acha que é Deus que faz as coisas não se encaixarem?

SAMUEL

Deus não é só bondade e amor?

JEAN

Pode ser mentira.

SAMUEL

(Dá de ombros)

Eu não acredito em Deus mesmo.

JEAN

Então... você acha que as coisas não se encaixam porque não se encaixam e pronto?

SAMUEL

(Pensa)

É o que parece. Mas o que tá tão desencaixado assim?

JEAN

Nunca tinha pensado sobre isso.

SAMUEL

Será que o que você acha desencaixado não é o certo e o que você acha encaixado o errado?

JEAN

Tudo! Essa estação anacrônica, o trem que não chega, a nossa conversa... o mundo! É tudo um absurdo!

SAMUEL

Pra quem acha que tá tudo errado... mudar deve ser bom.

JEAN

(Pensa)

Bom... aí... muda tudo!

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

SAMUEL

Mas o que tá tão desencaixado assim?

JEAN

(Pensa)

Bom... aí... muda tudo!

SAMUEL

Será que o que você acha desencaixado não é o certo e o que
você acha encaixado o errado?

JEAN

Nunca tinha pensado sobre isso.

SAMUEL

Pra quem acha que tá tudo errado... mudar deve ser bom.

JEAN

Tudo! Essa estação anacrônica, o trem que não chega, a nossa
conversa... o mundo! É tudo um absurdo!

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

SAMUEL

Mas o que tá tão desencaixado assim?

JEAN

Tudo! Essa estação anacrônica, o trem que não chega, a nossa
conversa... o mundo! É tudo um absurdo!

SAMUEL

Será que o que você acha desencaixado não é o certo e o que você acha encaixado o errado?

JEAN

(Pensa)

Bom... aí... muda tudo!

SAMUEL

Pra quem acha que tá tudo errado... mudar deve ser bom.

JEAN

Nunca tinha pensado sobre isso.

(Pausa)

Você quer dizer que... mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Não foi bem isso o que eu quis dizer... mas tudo bem.

Eles trocam de lugar.

JEAN

Então... vamos trocar de lugar?

SAMUEL

Ou não. Ou o contrário. Ou o inverso do contrário. Ou o que for. É tudo absurdo mesmo.

JEAN

Você não disse que mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Pra quê?

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Você quer dizer que... mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Pra quê?

JEAN

Então... vamos trocar de lugar?

SAMUEL

Não foi bem isso o que eu quis dizer... mas tudo bem.

Eles trocam de lugar.

JEAN

Você não disse que mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Ou não. Ou o contrário. Ou o inverso do contrário. Ou o que for. É tudo absurdo mesmo.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Você quer dizer que... mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Ou não. Ou o contrário. Ou o inverso do contrário. Ou o que for. É tudo absurdo mesmo.

JEAN

Então... vamos trocar de lugar?

SAMUEL

Pra quê?

JEAN

Você não disse que mudando... as coisas podem se encaixar?

SAMUEL

Não foi bem isso o que eu quis dizer... mas tudo bem.

Eles trocam de lugar.

JEAN

Pra onde você vai?

SAMUEL olha alternadamente para os dois lados da linha do trem, até que se decide pelo lado oposto de onde o trem supostamente virá.

SAMUEL

Pra lá.

JEAN

Eu também! A sua passagem é pra que horas?

SAMUEL

(Tira a passagem do bolso e a lê)

Sete horas.

JEAN

A minha também! Podemos ir juntos! Tem alguém te esperando lá?

SAMUEL

Não.

JEAN

Então podemos nos casar quando chegarmos lá!

SAMUEL

(Estranha)

Casar?!

JEAN

É! Casamento é bom! Você já foi casado?

SAMUEL

Fui. Mas não foi bom.

JEAN

Eu nunca fui casada.

SAMUEL

Então por que disse que casamento é bom?

JEAN

Intuição. Eu sinto que o nosso casamento vai ser bom! Acho que a gente encaixa bem um no outro.

SAMUEL

Por quê?

JEAN faz um gesto para SAMUEL esperar e olha em volta atentamente, como se estivesse percebendo algo.

JEAN

Reparou?

SAMUEL

O quê?

JEAN

Os encaixes... encaixaram!

(Feliz)

Você tinha razão! Mudar é bom! Pra agradecer... vou te dar um presente..... um tira-gosto... pro nosso casamento...

JEAN sorri, pisca maliciosamente para SAMUEL e se levanta, começando um sensual strip-tease, provocando SAMUEL, que assiste a cena sem esboçar reação. Não há música ao fundo, apenas JEAN cantarola baixinho um tema sensual de strip-tease. Quando ela está apenas de calcinha e sutiã, SAMUEL, numa atitude decidida, se levanta, tira seu sobretudo e se aproxima de JEAN, que acha que ele irá agarrá-la e se entrega. Mas SAMUEL apenas cobre o corpo dela com o sobretudo, como se cuidasse de uma criança.

SAMUEL

Tá muito frio... você pode se resfriar...

Ainda com o sobretudo sobre o corpo, JEAN senta no mesmo banco onde sentou no início da peça, enquanto SAMUEL vai catando suas roupas no chão e entregando a ela, que vai se vestindo.

JEAN

Eu só acho que a gente devia aproveitar.

SAMUEL

O quê?

JEAN

O tempo.

SAMUEL

Por quê?

JEAN

Porque o tempo é único... não volta... não se repete... nunca dá uma segunda chance...

JEAN já está novamente vestida e SAMUEL já sentou no mesmo banco do início da peça. JEAN levanta, devolve o sobretudo a SAMUEL e, solenemente, declama os versos da música de Lulu Santos, "Como um onda", sem cantar. Com as mãos, ela faz gestos, "explicando" a letra. SAMUEL parece não gostar do que ouve.

JEAN

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

JEAN

Que foi?! Não gosta de poesia?

SAMUEL

Isso não é poesia. Poesia é assim.

SAMUEL levanta e recita os versos
abaixo.

SAMUEL

Batatinha quando nasce
Espalha a rama pelo chão
Menininha quando dorme
Põe a mão no coração
Sou pequenininha
Do tamanho de um botão
Carrego papai no bolso
E mamãe no coração
O bolso furou
E o papai caiu no chão
Mamãe que é mais querida
Ficou no coração.

SAMUEL fica arrasado com o final do
verso e volta a se sentar.

JEAN

Eu sei... essa poesia é terrível...

SAMUEL

(Faz que sim)

A gente dá amor e carinho pra filha... e no final... quem
fica no coração dela?! A mãe!

SAMUEL está arrasadíssimo.

JEAN

Por isso prefiro a minha poesia. É mais... pra cima. Up!

SAMUEL

Aquilo não é poesia.

JEAN

Quem disse?

SAMUEL

O Círculo dos Mentirosos. Eles é que decidem o que é e o que não é poesia.

JEAN

E quem esses Mentirosos pensam que são pra definir o que é e o que não é poesia?!

SAMUEL

São mentirosos profissionais... eles sabem... muito mais do que nós.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

E onde eu encontro esses Mentirosos?

SAMUEL

Há muito tempo que Deus não satisfaz ninguém.

JEAN

E por que as pessoas acreditam em mentirosos?!

SAMUEL

Não encontra. Eles são mentirosos. Nunca estão onde dizem estar.

JEAN

Deus não basta?

SAMUEL

As pessoas precisam acreditar em alguma coisa.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

E onde eu encontro esses Mentirosos?

SAMUEL

As pessoas precisam acreditar em alguma coisa.

JEAN

E por que as pessoas acreditam em mentirosos?!

SAMUEL

Há muito tempo que Deus não satisfaz ninguém.

JEAN

Deus não basta?

SAMUEL

Não encontra. Eles são mentirosos. Nunca estão onde dizem estar.

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

E onde eu encontro esses Mentirosos?

SAMUEL

Não encontra. Eles são mentirosos. Nunca estão onde dizem estar.

JEAN

E por que as pessoas acreditam em mentirosos?!

SAMUEL

As pessoas precisam acreditar em alguma coisa.

JEAN

Deus não basta?

SAMUEL

Há muito tempo que Deus não satisfaz ninguém.

JEAN

(Olha em volta)

Droga! Reparou?

SAMUEL

Ele não era boboca. Foi condenado a fazer isso eternamente.
Era um castigo.

JEAN

As coisas... voltaram a desencaixar... voltamos ao Sísifo.

SAMUEL

O quê?

JEAN

Aquele grego boboca que levava uma pedra até o alto do morro, a pedra rolava morro abaixo e ele voltava pra levar a pedra morro acima novamente. Uma perda de tempo!

SAMUEL

Sísifo?

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha em volta)

Droga! Reparou?

SAMUEL

Sísifo?

JEAN

As coisas... voltaram a desencaixar... voltamos ao Sísifo.

SAMUEL

Ele não era boboca. Foi condenado a fazer isso eternamente. Era um castigo.

JEAN

Aquele grego boboca que levava uma pedra até o alto do morro, a pedra rolava morro abaixo e ele voltava pra levar a pedra morro acima novamente. Uma perda de tempo!

SAMUEL

O quê?

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha em volta)

Droga! Reparou?

SAMUEL

O quê?

JEAN

As coisas... voltaram a desencaixar... voltamos ao Sísifo.

SAMUEL

Sísifo?

JEAN

Aquele grego boboca que levava uma pedra até o alto do morro, a pedra rolava morro abaixo e ele voltava pra levar a pedra morro acima novamente. Uma perda de tempo!

SAMUEL

Ele não era boboca. Foi condenado a fazer isso eternamente. Era um castigo.

JEAN

Como nós dois, nessa estação, esperando um trem que nunca chega e gastando nosso tempo numa conversa absurda. Será que é isso que Nietzsche chamava de O Eterno Retorno?

SAMUEL

(Reclama)

Eu sou macho!

JEAN

É fácil: n, i, e, t, z, s, c, h, e. Nietzsche.

SAMUEL

Não conheço nada de filosofia. Nem o nome do Nietzsche eu consigo soletrar.

JEAN

(Faz que não)

Filosofia é coisa de homem. Só de pensar já me vem um cheiro de macho fedido!

SAMUEL

(Impressionado)

Uau! Você devia tentar a filosofia!

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Como nós dois, nessa estação, esperando um trem que nunca chega e gastando nosso tempo numa conversa absurda. Será que é isso que Nietzsche chamava de O Eterno Retorno?

SAMUEL

(Impressionado)

Uau! Você devia tentar a filosofia!

JEAN

É fácil: n, i, e, t, z, s, c, h, e. Nietzsche.

SAMUEL

(Reclama)

Eu sou macho!

JEAN

(Faz que não)

Filosofia é coisa de homem. Só de pensar já me vem um cheiro de macho fedido!

SAMUEL

Não conheço nada de filosofia. Nem o nome do Nietzsche eu consigo soletrar.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

Como nós dois, nessa estação, esperando um trem que nunca chega e gastando nosso tempo numa conversa absurda. Será que é isso que Nietzsche chamava de o eterno retorno?

SAMUEL

Não conheço nada de filosofia. Nem o nome do Nietzsche eu consigo soletrar.

JEAN

É fácil: n, i, e, t, z, s, c, h, e. Nietzsche.

SAMUEL

(Impressionado)

Uau! Você devia tentar a filosofia!

JEAN

(Faz que não)

Filosofia é coisa de homem. Só de pensar já me vem um cheiro de macho fedido!

SAMUEL
(Reclama)

Eu sou macho!

JEAN
Mas não é filósofo.
(Sente o cheiro de SAMUEL)
Nem fedido.

SAMUEL
Obrigado.

JEAN
Isso. N, i, e, t, z, s, c, h, e: Nietzsche.

SAMUEL
N, i, e, t, z, s, c, h, e?

JEAN
Mas não se anima: só machos fedidos podem ser filósofos.

SAMUEL
Estou feliz: aprendi como se soletra Nietzsche!

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN
Mas não é filósofo.
(Sente o cheiro de SAMUEL)
Nem fedido.

SAMUEL
Estou feliz: aprendi como se soletra Nietzsche!

JEAN
Isso. N, i, e, t, z, s, c, h, e: Nietzsche.

SAMUEL
Obrigado.

JEAN
Mas não se anima: só machos fedidos podem ser filósofos.

SAMUEL
N, i, e, t, z, s, c, h, e?

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

Mas não é filósofo.

(Sente o cheiro de SAMUEL)

Nem fedido.

SAMUEL

N, i, e, t, z, s, c, h, e?

JEAN

Isso. N, i, e, t, z, s, c, h, e: Nietzsche.

SAMUEL

Estou feliz: aprendi como se soletra Nietzsche!

JEAN

Mas não se anima: só machos fedidos podem ser filósofos.

SAMUEL

Obrigado.

JEAN

(Olha seu relógio)

Acho que o trem não vem mais hoje. Vou embora. Você vai
ficar?

SAMUEL

Boa noite.

JEAN

Vai perder seu tempo.

SAMUEL

Vou.

JEAN

Fazer o quê? É nele que a gente vive... então... boa noite.

SAMUEL

Você sempre preocupada com o tempo, né?

Nas caixas de som, ouvimos a
engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha seu relógio)

Acho que o trem não vem mais hoje. Vou embora. Você vai ficar?

SAMUEL

Você sempre preocupada com o tempo, né?

JEAN

Vai perder seu tempo.

SAMUEL

Boa noite.

JEAN

Fazer o quê? É nele que a gente vive... então... boa noite.

SAMUEL

Vou.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem.

JEAN

(Olha seu relógio)

Acho que o trem não vem mais hoje. Vou embora. Você vai ficar?

SAMUEL

Vou.

JEAN

Vai perder seu tempo.

SAMUEL

Você sempre preocupada com o tempo, né?

JEAN

Fazer o quê? É nele que a gente vive... então... boa noite.

SAMUEL

Boa noite.

JEAN sai. SAMUEL retoma seu olhar perdido para a estrada de ferro. Tempinho nisso.

Nas caixas de som, ouvimos a engasgada da engrenagem, só que dessa vez, mais forte, ao mesmo tempo em que a luz dá uma piscada, como numa falha. Imediatamente, SAMUEL assume a mesma postura do início da peça. Tempinho nisso. JEAN entra e senta no outro banco da mesma forma que entrou e sentou no início da peça. Ela examina SAMUEL atentamente. SAMUEL continua com o olhar perdido na estrada de ferro.

JEAN

A gente não se conhece de algum lugar?

SAMUEL examina atentamente o rosto de JEAN. Black-out brusco.

Cortina.

F I M